

PRECONCEITO COM PRATICANTES DE BASQUETE FEMININO E A DESIGUALDADE NA MODALIDADE

Júlia Elisabete Oliveira¹; Felipe Fernandes Franco²; Moises F. Costa Jr. ³;
Luiz Henrique Peruchi⁴

1. Estudante do Curso de Educação Física; e-mail: juh.3124@gmail.com
2. Estudante do Curso de Educação Física; e-mail: felippe.fer@hotmail.com
3. Estudante do Curso de Educação Física; e-mail: moisesfcostajr.1998@gmail.com
4. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: peruchi@umc.br

Área do Conhecimento: **Educação Física**

Palavras-chaves: Basquetebol feminino; preconceito; desigualdade.

INTRODUÇÃO

O basquetebol é uma modalidade esportiva surgida em Massachusetts, no ano de 1891, como criação do professor James Naismith (VIEIRA; FREITAS, 2006). No Brasil, o esporte foi trazido no ano de 1896, pelo professor norte-americano August Shaw, ao ser convidado para dar aulas no Colégio Mackenzie de São Paulo e de imediato foi aprovado pelas mulheres, o que atrapalhou a difusão do basquete entre os homens (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASQUETE, S.D). Neste aspecto, a mulher evidencia uma tentativa para entrar no meio esportivo, desde a segunda metade do século XIX após a guerra civil americana, quando começou uma grande procura das mulheres pela prática esportiva (KNIJNIK, 2003). A participação da mulher nos esportes, ainda que tenha aumentado com o decorrer dos anos, ainda possui uma baixa visibilidade, se comparada à presença dos homens em cenário esportivo e, acima de tudo, se mostra carente de incentivos e investimentos (BRASIL, 2013). Segundo Goellner (2005), a desigualdade de gêneros no esporte transparece não somente através do preconceito, mas também nas diferenças na visibilidade conferida pela mídia, nas oportunidades, nas relações de poder, nos valores salariais - no caso do esporte de alto rendimento-, nos apoios e incentivos, entre outros aspectos. Além disso, as meninas que se comprometem a jogar enfrentam diversas dificuldades, bem como o preconceito (SEVERINO, GONÇALVES e DARIDO, 2015 apud RODRIGUES e DARIDO, 2011).

OBJETIVO

Verificar se há falta de incentivo e investimento e preconceito na modalidade de basquete feminino de um município do Alto Tietê do estado de São Paulo

METODOLOGIA

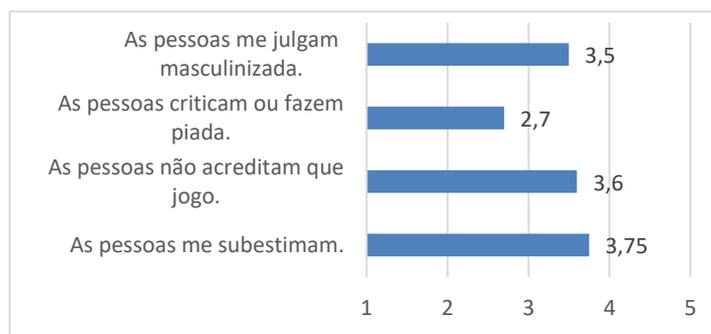
Participaram da pesquisa 20 indivíduos do sexo feminino de um município do Alto Tietê do estado de São Paulo, praticantes do basquetebol em diversas categorias. Como critérios de inclusão: praticantes do gênero feminino que praticam o basquetebol há um tempo mínimo de 6 meses e como critérios de exclusão: não aceitação da atleta para participar da pesquisa. Assim, foram convidadas a responder a um questionário realizado virtualmente, através da plataforma Google Forms e receberam explicações sobre os objetivos da pesquisa e sua metodologia. Após a coleta de dados dos questionários, os documentos foram analisados e tabulados. Também foram acessados os sites oficiais da Federação Paulista de Basketball e da Liga de Basquetebol Feminino para quantificar as equipes masculinas e femininas

inscritas nos campeonatos. Para verificar a presença de preconceito e investimento na modalidade foi aplicado um questionário elaborado pelos pesquisadores com o auxílio do professor orientador, baseado nos objetivos para a formulação de 7 perguntas abertas e 4 fechadas. Os dados coletados foram organizados em forma de frequências, médias e desvio padrão. Para o teste estatístico foi usado o teste de qui-quadrado.

RESULTADOS

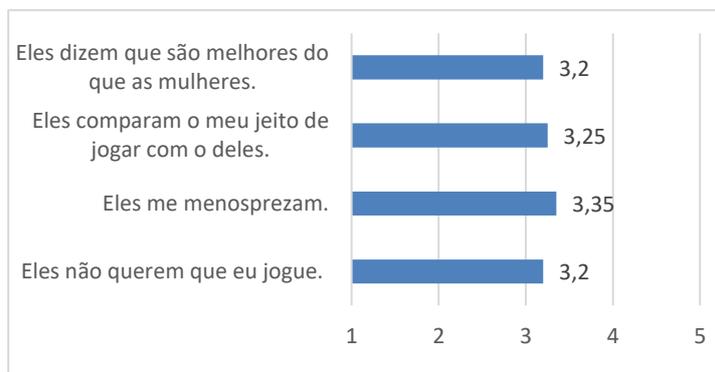
Todas as participantes da pesquisa eram mulheres, com faixa etária entre 17 e 44 anos e tempo de prática de basquetebol entre, no mínimo 3 anos e, no máximo 32 anos. A primeira questão referia-se ao motivo de escolha da modalidade e notou-se que uma grande quantidade de mulheres iniciou a prática do basquete por *Incentivo na escola* (25%), pelos professores de Educação Física. O *Interesse na modalidade* também foi um motivo bastante citado, por 20% das entrevistadas. Outros aspectos como *Curiosidade e Incentivo de familiares ou amigos* (15%), *Por indicação* e *Por causa da altura* (10% cada uma), *Inspiração em jogadores* (5%) também foram abordados no questionário. Para a segunda pergunta, foram expostas as opiniões das entrevistadas à respeito do investimento e visibilidade e a grande maioria respondeu que não há igualdade no investimento e visibilidade das categorias masculino e feminino (55%). A inferioridade e a desvalorização da modalidade (20%) também foram citadas como aspectos que marcam o baixo investimento na categoria feminina. Quando perguntadas se há igualdade de oportunidades para a prática, 75% respondeu que *Não* tem as mesmas oportunidades que os homens, neste aspecto. Notou-se também um público que mencionou o machismo e preconceito e alegaram que a categoria masculina é mais favorecida. De modo contrário, a resposta menos proferida foi “sim, porém a força de vontade de cada categoria é diferente”. Também foram citadas, por 10% das entrevistadas, a falta de visibilidade e investimento. Apenas 15% das respostas foi *Sim*, alegando que cada vez mais a mulher vai buscando seu espaço nas quadras ou que existem oportunidades para os homens e para as mulheres, porém as mulheres tem uma menos força de vontade. Algumas acreditam que ambas as categorias têm poucas oportunidades, entretanto, o cenário é ainda pior na categoria feminina. Como solução para a atual situação do basquete feminino, foi citado “maior valorização do esporte”, destacando-se entre as respostas com maior número de citações (20%). A massificação e apresentação da modalidade nas escolas, mais divulgação e incentivo, mais investimento e igualdade, investir e melhorar desde as categorias de base, cada uma destas aparece com 15% de frequência nas respostas. Também foi citado sobre acabar com o preconceito por 10% das atletas, além de mais apoio e investimento do governo, e que as mulheres precisam se mostrar presentes para que conquistem seu espaço.

Figura 1: Reações das pessoas quando sabem que você joga basquetebol



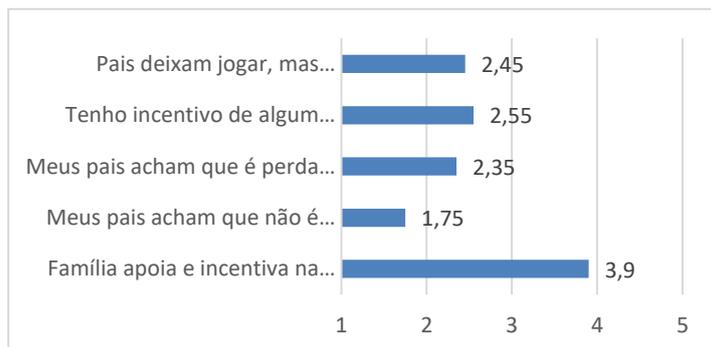
Na Figura 1 estão as médias das respostas obtidas nas escalas, sendo 1 – nunca; 2 – quase nunca; 3 – as vezes; 4 – quase sempre; 5 – sempre. Quanto à reação das pessoas em relação ao fato de as mulheres jogarem basquete, notou-se que a maioria das pessoas subestima ou não acredita. Há também a ocorrência de críticas, piadas e julgamentos que apontam até mesmo que a mulher que joga basquete é masculinizada.

Figura 2: Reação dos homens quando jogam junto com eles



Na Figura 2 pode-se notar que na grande maioria das vezes em que as mulheres jogam junto com os homens, ocorre algum tipo de preconceito. A maior parte das mulheres respondeu que às vezes eles não querem que elas joguem junto e as menosprezam com certa frequência. Além disso, muitas vezes ocorrem comparações quanto ao modo de jogar dos homens e o das mulheres, podendo ainda haver uma relação de superioridade dos homens para com as mulheres.

Figura 3: Apoio e incentivo à prática do basquetebol



Na Figura 3 verifica-se que quanto ao apoio e incentivo familiar, obtiveram-se resultados positivos, já que a maioria afirmou que possui apoio e incentivo dos familiares e, raramente, são julgadas por acharem que não é um esporte para mulheres ou que é perda de tempo. A tabela aponta também que a maioria não possui familiares que praticam o esporte, mas que o incentivo existe mesmo assim. Quanto à questão referente à frequência em que as mulheres entrevistadas escutam determinadas frases preconceituosas, observou-se que a frase “Vai chamar muita atenção jogando com esses shorts” é a que mais escutam das pessoas com frequência, seguida de “não tem vergonha de jogar com tantos homens?” e “mulher nem consegue enterrar”. Já as frases “lugar de mulher é na cozinha” e “você joga igual mulherzinha” foram citadas com menor frequência. Com uma frequência média, ou seja, “às vezes” a maioria das mulheres disse que escutam que devem jogar como homens ou que o basquete feminino não tem graça. Já para acessar o objetivo específico sobre as políticas públicas de apoio a modalidade ou a estrutura de apoio aos campeonatos e torneios femininos foi feito o acesso ao site oficial da Federação Paulista de Basquetebol (FPB) e contatou-se uma grande diferença quantitativa de times inscritos nas categorias Adulto masculino e Adulto feminino. Na categoria masculina, existe uma divisão especial entre Série A e Série B, que contabilizam um total de 18 times. Já na categoria feminina, há uma única divisão que conta com apenas 8 times inscritos no campeonato. Em contrapartida, há a Liga de Basquete Feminino (LBF) que possui 9 equipes participantes, porém, não possui a mesma visibilidade

que o campeonato Novo Basquete Brasil (NBB), por exemplo, um campeonato composto somente por equipes masculinas.

CONCLUSÃO

Os resultados aqui apresentados demonstraram que existe uma grande desigualdade entre as categorias masculino e feminino no basquetebol, no que diz respeito ao incentivo e investimento. Notou-se que a grande maioria das mulheres praticantes de basquetebol sofre com a baixa visibilidade e valorização, com a falta de apoio, investimento e oportunidades e, além disso, há o preconceito. Há uma luta constante das mulheres por um espaço dentro das quadras, já que as condições de acesso e de participação das atletas não são iguais aos de sexo masculino, estes que muitas vezes são favorecidos. Para que haja um progresso nesta situação, pode-se trabalhar com a massificação e divulgação da modalidade nas escolas, realizando projetos para apresentação do esporte e incentivo à sua prática. Além disso, deve haver igualdade no investimento tanto para o basquete masculino, quanto no feminino, acabando com o preconceito que ainda está presente em muitas pessoas. É necessário que a sociedade se conscientize a respeito das dificuldades que as mulheres atletas enfrentam e dê maior visibilidade e valorização à sua atuação, trazendo melhorias ao atual cenário do esporte feminino.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão de Turismo e Desporto. **Participação das mulheres no esporte**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASQUETE. (Brasil). **O esporte no Brasil**. Disponível em: <http://www.cbb.com.br/a-cbb/o-basquete/o-esporte-no-brasil>. Acesso em: 21 set. 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: Entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher brasileira e o esporte. **Mackenzie**, 2003.

SEVERINO, Claudio Delunardo; GONÇALVES, Francisco José Miranda; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do basquetebol por meninas nas aulas de educação física escolar no município de volta redonda: a visão dos professores. **Motricidade**, v. 11, n. 2, p. 36-47, 2015. Em: RODRIGUES, H. de A., & DARIDO, S. C. The textbook in school Physical Education: a vision of teachers. *Motriz*, 17(1), 48–62, 2011.

VIEIRA, Silvia; FREITAS, Armando. **O que é basquete: História – Regras – Curiosidades**. 1 ed. Brasil: Casa da Palavra, 2006.